

UMA HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DO CURSO DE MATEMÁTICA DA UNESPAR – CAMPUS DE CAMPO MOURÃO

DOI: <https://doi.org/10.33871/22385800.2021.10.21.160-183>

Clarice de Almeida Miranda¹
Talita Secorun dos Santos²
Luciano Ferreira³

Resumo: Neste artigo apresenta-se uma investigação sobre o movimento da criação do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, campus de Campo Mourão – Paraná - Brasil. Buscou-se constituir uma história da criação deste curso, utilizando de informações acerca das discussões que a antecede até a implantação do curso, na então Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão - PR. Com este artigo, pretende-se contribuir para a construção de uma História do curso de Matemática da UNESPAR. Foram consideradas as fontes escritas encontradas, como decretos e atas de reuniões, e as fontes orais, originadas de duas entrevistas, uma realizada pessoalmente com três professores e uma por uma ligação para o telefone de uma professora, sendo que estas vivenciaram de alguma forma o contexto da criação do curso. Para a organização da pesquisa utilizamos a metodologia História Oral. Identificou-se, nesta investigação, o vínculo que a criação do curso de Matemática teve com as primeiras discussões da constituição da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão como uma Universidade. O objetivo principal, que justificou a implantação do curso em Campo Mourão, foi a carência de professores de Matemática para a Educação Básica na região. A Universidade Estadual de Campinas teve contribuições para a implantação e formação do corpo docente, por meio de diálogos e especializações para os docentes do curso. A autorização do curso veio de 15 de janeiro de 1998. As principais dificuldades enfrentadas com a abertura do curso foram a falta de professores no departamento, com poucos professores efetivos, e a não autorização para abrir concurso público.

Palavras-chave: Matemática. História Oral. Formação de professores. História da Educação Matemática.

A HISTORY ABOUT THE CRIATION OF THE MATHEMATICS COURSE OF UNESPAR - CAMPO MOURÃO CAMPUS

Abstract: In this research we introduce an investigation about the movement of the creation of the degree course in Mathematics of the State University of Paraná - UNESPAR, Campo Mourão campus Paraná-Brazil. We sought to constitute a history of the creation of this course, using information about the discussions that precede it until the implementation of the course, at the then Faculty of Sciences and Letters of Campo Mourão - PR. We intend, with this article, to contribute for the building of a story of the Mathematics course of UNESPAR. We considered the written sources found, such as decrees and meetings minutes, and the oral sources, originated from two interviews, one personally with three teachers and one by a telephone call with a teacher, both linked in some way to the context of the creation of the course. For the organization of the research we used the Oral History methodology. We identified in this research the link that the creation of the mathematics course had with the first discussions of the constitution of Faculty of Sciences and Letters of Campo Mourão as a

¹ Mestre em Educação em Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Cascavel, Professora Substituta na UTFPR, campus de Santa Helena, E-mail: clari.miranda@hotmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7102-9383>.

² Doutora em Educação Matemática pela Universidade Federal de São Carlos, Professora Adjunta da UNESPAR, Campus de Campo Mourão, E-mail: tsecorun@hotmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8898-4160>

³ Doutor em Educação para Ciência e Matemática pela Universidade estadual de Maringá, Professor Adjunto da UNESPAR, campus de Campo Mourão, E-mail: lulindao66@hotmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9326-0826>

University. The main objective, which justified the implementation of the course in Campo Mourão, was the lack of Mathematics teachers for the Basic Education network in the region. The State University of Campinas had contributions to the implementation and the specialization of the course teachers, through dialogues and specializations for the course teachers. The course authorization came from January 15, 1998. The main difficulties faced with the opening of the course were the lack of teachers in the department, with few effective teachers and no authorization to open a public tender.

Keywords: Mathematics. Oral History. Teacher Education. History of Mathematics Education.

Introdução

O curso de matemática da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, campus de Campo Mourão teve sua primeira turma no ano de 1998. Estamos no ano de 2021, e, portanto, o curso já possui 23 anos. Por ele já passaram muitos alunos, professores, com diferentes histórias de vida, diferentes objetivos e perspectivas. Mas, por que esse curso foi criado? Quais eram seus objetivos? Quem lutou pela sua criação? Quais os primeiros professores? Quais as dificuldades por eles vivenciadas?

Muitas são as perguntas e as repostas são dadas, algumas de maneira informal, por alguns professores que vivenciaram todo o movimento de criação do curso. A ideia dessa pesquisa surge, inicialmente, de ouvir alguns desses professores, o que eles poderiam nos contar e, assim, escrever uma história da criação do curso na perspectiva desses sujeitos. Posteriormente, nos aproximando da metodologia utilizada na pesquisa, percebemos a importância de analisarmos, também, documentos escritos.

Tivemos por objetivo nesta pesquisa investigar o movimento de criação do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, campus de Campo Mourão, ou seja, buscamos constituir uma história do curso de Licenciatura em Matemática da UNESPAR, investigando a implantação do Curso, desde os primeiros indícios até sua implantação.

Infelizmente, existem poucos documentos que possibilitam contar uma história do curso, alguns muitos empoeirados, outros desaparecidos. Mas, felizmente, as pessoas envolvidas com o curso, desde as primeiras discussões para a sua criação, e os documentos empoeirados nos possibilitam contar uma história da criação do curso de matemática na UNESPAR.

Este trabalho encontra-se inserido no domínio da História da Educação Matemática. Um campo em que pesquisadores visam investigar questões relacionadas às práticas de ensino e aprendizagem da Matemática e as mudanças e permanências dessas questões ao longo do tempo. Essas pesquisas têm como objetivo:

[...] contribuir com as políticas públicas da/para educação ao voltarem-se ao estudo sobre como vêm se formando professores de Matemática no país; como se dão, historicamente, os processos de apropriação das leis e propostas educacionais; como questões políticas e culturais estruturam uma proposta educacional para uma determinada época; quais alterações de currículo de Matemática foram implementadas ao longo do tempo e com que interesse; como, quando e por que a escola foi estruturada do modo como é hoje; que discursos sobre ensino e educação deixaram suas marcas na perspectiva (plural) dos professores, entre outros (GARNICA; SOUZA, 2012, p. 41).

Para atingir tais objetivos, os pesquisadores investigam a história de instituições de ensino, história de cursos, história de eventos, história de vida de professores, políticas públicas, entre outros, com propósito de compreender a sociedade escolar, assim como, as microsociedades, em suas particularidades e semelhanças, no contexto da Educação Matemática no país.

Este artigo visa compor esse campo de investigação, contribuindo para construir uma História da Educação Matemática no Paraná, o que pode, direta ou indiretamente, contribuir para políticas públicas para a formação de professores.

Para a coleta de dados, utilizamos de fontes escritas disponíveis, como decretos e atas de reuniões, e também fontes orais, originadas de entrevistas com quatro pessoas ligadas ao curso no contexto de sua criação e organizadas segundo a metodologia da História Oral, e, portanto, consistindo na criação de fontes para responder ao problema de pesquisa.

Segundo Baraldi (2003, p. 215), trabalhar com depoimentos, em História Oral, é acreditar que “o conhecimento histórico do passado é um processo inacabado e que se transforma e se aperfeiçoa por meio do que conhecemos do presente”.

Considerando tal metodologia, adotamos uma perspectiva mais contemporânea de história e, assim, a história que iremos contar se constitui em uma das formas de se contar a história do processo de criação do curso de Matemática da UNESPAR. Pois, segundo Garnica e Souza (2012, p.21-22), “[...] não existe uma única história, ou uma História verdadeira, ou, ainda, uma reconstituição verdadeira do passado. O que existem são versões históricas, construídas com rigor, a partir de uma diversidade de fontes”. Essas fontes são lidas e interpretadas pelo pesquisador, assim, temos que considerar que, segundo Bortoli (2003, p.2), “cada pesquisador, ao realizar suas pesquisas, carrega consigo suas experiências, sua história de vida”.

Portanto, considerando as nossas experiências e a nossa história de vida, buscamos nesse trabalho investigar os processos legais feitos na aprovação do curso, o objetivo da implantação do curso, compreender o contexto em que se deu a criação do curso de

Matemática, além de, entender as concepções que norteavam a criação do curso e contribuir para a construção de uma História do curso de Matemática da UNESPAR.

A História Oral como metodologia de pesquisa em Educação Matemática

Pesquisas como a de Bortoli (2003) e Martins-Salandim (2012), realizadas sobre a criação de cursos de Matemática, têm disparado suas análises frente à basicamente dois tipos de registros: fontes escritas e fontes orais. Essas pesquisas defendem que “nenhuma operação historiográfica [...] pode negligenciar fontes disponíveis, ainda que seja possível tomar algumas fontes como prioritárias (pela natureza das informações que elas nos trazem) e secundarizar – mas nunca desprezar – outras” (MARTINS-SALANDIM, 2012, p.51). Deste modo, propusemo-nos a buscar em fontes escritas e orais respostas para nosso objeto de pesquisa.

Diante desta concepção, e em busca de uma metodologia que fundamentasse nossa trajetória, optamos por adotar, neste trabalho, a metodologia História Oral, que vem sendo desenvolvida por pesquisadores do GHOEM⁴.

Segundo Garnica (2003), são os modos de entender a História Oral que dividem os teóricos. Pois, segundo o autor, há três formas de se conceber a História Oral: como técnica, como disciplina própria e como metodologia.

De acordo com Baraldi (2010) e Selau (2004), os que a concebem como técnica, convém utilizá-la quando o objetivo é a constituição de acervos orais, preocupando-se com as experiências de entrevistas, de transcrições e a conservação desses depoimentos, não se preocupando com a reflexão teórica acerca do material elaborado e do tema abordado; os que a apontam como disciplina, a encaram como uma área de estudo com técnicas específicas de pesquisas, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto de conceitos próprios, encontrando aporte teórico aos problemas enfrentados na prática; e, por fim, os que a concebem como metodologia, visam sua possibilidade de estabelecer e ordenar procedimentos de trabalho, unindo teoria e prática. Geram questões, sobre a utilização dessas fontes, em que é necessário recorrer a outros referências teóricos. Como metodologia, ela é utilizada na elaboração e organização de fontes para que sejam utilizadas na pesquisa.

Desenvolver um trabalho cuja metodologia adotada é a História Oral, segundo Garnica e Souza (2012), consiste em levar em conta “que o trabalho cuida de constituir fontes

⁴ Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática

das quais ele próprio – e outros – podem nutrir-se para focar determinados objetos de pesquisa” (2012, p. 96). E, portanto, que considere a memória dos autores que vivenciaram o cenário do objeto em estudo, sem desconsiderar as fontes oficiais, compondo uma versão histórica do objeto estudado.

Trabalhar com a História Oral exige adquirir conhecimento de alguns conceitos próprios da metodologia e procedimentos para a constituição das fontes e produção das análises, não como uma regra para a descrição dos resultados, mas todos os procedimentos compõem um cenário de atribuição de significados para o encaminhamento das análises do pesquisador. As etapas do método são, segundo Garnica (2003): selecionar os entrevistados, isso implica em ter um critério significativo para selecioná-los; elaborar o roteiro de entrevista; gravar as entrevistas; transformar o documento oral em escrito, momento da transcrição e da textualização dos relatos; a conferência e autorização dos entrevistados das versões escritas dos seus depoimentos; e a análise, chamada de “arremate de compreensões”.

Tendo em vista que, nesta pesquisa, investigamos a criação do curso de Matemática na Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (FECILCAM) que teve sua primeira turma em 1998, iniciamos nossas buscas a partir do conhecimento desta data, buscando registros e nomes de pessoas que foram mencionadas antes desta data, uma vez que, temos interesse no período até a implantação do curso.

O levantamento dos entrevistados se deu, em um primeiro momento, de modo intuitivo, pois já tínhamos a informação de dois professores que tiveram vínculo com a Universidade Estadual do Paraná – campus de Campo Mourão, na época denominada Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão, durante os anos em que a implantação do curso ocorreu.

Em um segundo momento, foi realizada uma busca por documentos escritos que viessem a contribuir para a confirmação e identificação de novos sujeitos a serem entrevistados e também que dialogassem com as fontes orais. Junto ao Colegiado de Matemática da UNESPAR – campus de Campo Mourão e da direção do campus, realizamos buscas por atas de reuniões e qualquer documento que constaria alguma referência à abertura do curso de Matemática.

Segundo Ziccardi (2009), uma proposta historiográfica de fontes documentais, considera fontes primárias, que leva em consideração toda fonte escrita, oral e visual produzidas na época em que se deseja pesquisar, e fontes secundárias, que são aquelas cuja origem dos escritos não são contemporâneos aos fatos investigados e têm por característica o fato de serem produzidas a partir de fontes primárias.

Encontramos apenas dois Livros-Ata de reuniões gerais: um contendo registros de 1985 a 2002 e outro com registros de 1990 a 1995. Obtemos, também, um livro comemorativo aos 40 anos da FECILCAM que foi publicado no ano de 2012.

Obtemos a informação, de professores do Colegiado de Matemática, que os Livros-Ata do departamento de matemática foram retirados no ano da elaboração do livro dos quarenta anos da FECILCAM. Desde então, o destino dos Livros-Ata é desconhecido. No colegiado encontramos o primeiro Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso e o Processo de Reconhecimento do Curso, mas estes documentos não serão analisados em sua totalidade nessa pesquisa, pois, nos restringimos aos anos em que houve discussões acerca do curso até a sua implantação.

Em posse das fontes documentais, ao realizar as primeiras leituras, selecionamos os entrevistados e definimos um roteiro para as entrevistas. Consideramos que o roteiro não limitou os diálogos, mas nos deu pontos de partida, pois perguntas surgiram durante as entrevistas. O roteiro inicial abordava perguntas relacionados aos motivos que levaram a discussões sobre a criação de um curso de matemática, tanto nos aspectos acadêmicos, quanto sociais; à existência de apoios e incentivos; à característica do corpo docente; à elaboração da primeira grade curricular.

Na leitura dos Livros-Ata, foram identificados o professor Marcos Erhardt, que foi diretor da faculdade no período de 1993 a 1997 e, posteriormente, veio a ser professor do curso e o professor Valdir Alves, que também foi professor do curso de Matemática após a implantação, além de termos encontrado seu nome nas atas de reunião, em situações que foi chefe de departamento.

O terceiro entrevistado, o professor Amauri Ceolim, foi escolhido por indicação da orientadora deste trabalho. O contato que a primeira autora tinha com o professor, que atuava no curso de Matemática durante a investigação e ministrava uma disciplina no 4º ano⁵, garantiu que, em uma conversa informal, entendêssemos que sua participação se deu ainda antes da implantação do curso na Faculdade.

Já com os três professores definidos, identificamos, por meio da leitura dos Livros-Ata, a importância de entrevistar a professora Sinclair Casemiro Pozza, diretora da FECILCAM de 1997 a 2001 e, em períodos anteriores, Coordenadora de Ensino, Pós-graduação e Extensão, como consta nas atas analisadas. Qualquer contato com a professora Sinclair era desconhecido, até que, através do professor Amauri, conhecemos uma estudante

⁵ Durante o período do desenvolvimento desta pesquisa, como Trabalho de Conclusão de Curso, a primeira autora era acadêmica no último período do curso de Licenciatura em Matemática na UNESPAR.

do primeiro ano do curso de Matemática que nos forneceu o número de telefone da professora.

Os primeiros a serem contatados foram os professores Amauri e Valdir, por meio da troca de e-mail com informações mais detalhadas sobre o que a pesquisa pretendia e o porquê da realização das entrevistas. Os professores foram receptivos com a proposta e não hesitaram em aceitar participar.

Pouco antes de marcarmos as datas das entrevistas, os professores sugeriram que a entrevista fosse realizada em grupo, contando com a participação do professor Marcos. A proposta foi aceita por nós, pois acreditamos que o sentimento de cumplicidade entre os participantes possa criar um ambiente de menor estranhamento para que os mesmos relatassem sobre suas memórias

Segundo Garnica (2003), os entrevistados narram-se, descrevem-se e o que causa o estranhamento é exatamente o que torna relevante a entrevista. O depoente descreve aquilo que é desconhecido, que é o tema de investigação do entrevistador. Portanto, segundo o autor, a entrevista acontece num misto de igualdade e diferenciação:

[...] o depoente reconhece o pesquisador a ponto de abrir-lhe suas memórias e o pesquisador, por sua vez, aceita e respeita essas memórias registrando-as como significativas ao seu arquivo de vivências. Mas, ao mesmo tempo, é o estranhamento, o distanciamento, a diferenciação entre o pesquisador e o depoente – e, conseqüentemente, de suas vivências e memórias – que possibilitam a relação depoente-pesquisador-narrativa (GARNICA, 2003, p. 24).

Deste modo, os próprios professores entraram em contato com o professor Marcos em convite a participar da entrevista. A entrevista foi realizada no Colegiado de Matemática da UNESPAR – campus de Campo Mourão, sendo gravada em áudio por dois celulares e vídeo com um notebook, com aproximadamente 1 hora e 15 minutos de duração.

A professora Sinclair, naquele momento, residia em Nova Cantu, cidade na região de Campo Mourão, e foi receptiva ao convite quando a contactamos. A professora ouviu atenciosamente nossa proposta de pesquisa e demonstrou interesse em participar, nos convidando à sua residência. Decidimos por aguardar uma possibilidade em que a professora fosse até Campo Mourão, até que a mesma nos mandou recado que não poderia ir. Assim, a entrevista se deu, por uma chamada de voz no telefone. A entrevista foi gravada em áudio pelo celular em que foi feita a ligação e com duração de aproximadamente 45 minutos.

No momento da entrevista os depoentes narram, descrevem, explicam, reformulam pensamentos. Mais que isso, é o momento em que surgem reflexões, denúncias, homenagens,

etc. As entrevistas ocorreram, a nosso ver, numa relação de cumplicidade em que os depoentes se colocaram como personagens históricos daquilo que vivenciaram e dialogaram com a entrevistadora, e entre eles, no caso da entrevista em grupo, expondo suas memórias a seu modo.

Segundo Garnica (2010), as narrativas são verdades legitimadas por aqueles que vivenciaram outros tempos e situações, constituindo-se em versões de histórias possíveis. Martins-Salandim (2012, p.59) ainda complementa afirmando que as narrativas “não são testemunhos no sentido daquilo que se viu ou presenciou (do fato “tal como aconteceu”), mas um registro daquilo que se percebe, no presente, de algo que se vivenciou”.

Ao se fazer as entrevistas, o próximo momento foi o de transcrição daquilo que havia sido gravado durante as conversas. A transcrição tem por característica preservar o que foi dito pelo depoente na forma mais original possível e todas as características da oralidade, como vícios de linguagem, pausas, situações e reações percebidas pelo entrevistador (GARNICA; SOUZA, 2012).

Trata-se de um momento técnico em que aquele que vai transcrever escreve tal como se ouve, mantendo a característica da entrevista na forma de perguntas e respostas. É um processo lento em que, principalmente na entrevista em grupo, tivemos maiores dificuldades, tendo que mudar vários momentos de áudio devido ao posicionamento dos gravadores durante a entrevista.

Os tratamentos posteriores à transcrição são denominados textualização. É um momento não mais técnico como o da transcrição, mas sim de atribuição de significados ao que foi narrado pelo depoente. Deste modo, há diferentes níveis de textualização, segundo Garnica e Souza (2012),

[...] o pesquisador pode optar por apenas excluir do texto da transcrição alguns elementos próprios da oralidade [...] e preencher algumas poucas lacunas que tornarão mais fluente a leitura do depoimento. [...] pode optar por reordenar o fluxo discursivo, e essa reordenação pode se feita temática ou cronologicamente. Alguns pesquisadores optam por inserir subtítulos realçando os temas (GARNICA; SOUZA, 2012, p.107-108).

De acordo com Garnica (2003), a textualização é uma produção do pesquisador que deve respeitar os dados do depoimento do entrevistado, mas que é essencialmente alterada em seu estilo. É um texto de “autoria coautorada”, carregado de significados, mas que seja necessário que o depoente reconheça a produção como um registro do que aconteceu durante a entrevista, que após conferida e autorizada é tornada pública no corpus das pesquisas (GARNICA; SOUZA, 2012).

Em nossa pesquisa optamos por reorganizar o texto de modo que os assuntos discutidos ficassem mais próximos, pois o momento da entrevista não é linear, o entrevistado lembra, volta, reformula. Assim, foram excluídas partes em que houve repetições, comentários dos entrevistados ou até partes em que, segundo orientação dos entrevistados, não deveriam aparecer. Além de algumas palavras que foram inseridas no intuito de ligar frases e assuntos.

Após a textualização, enviamos os textos aos professores para verificar se os mesmos se reconheciam no texto criado e aguardar um parecer positivo ou a requisição de uma nova conversa. Marcamos um novo encontro com os professores Amauri, Valdir e Marcos para fazer correções de nomes e datas, além de mudar alguns termos. Após os ajustes o grupo de professores aceitou a versão do texto para uso na pesquisa. A professora Sinclair, retornou o e-mail com resposta positiva da textualização de sua narrativa como fonte para a pesquisa.

Quanto à como se utilizar dessas fontes criadas, Garnica (2003) aponta pesquisas em Educação Matemática nas quais se observa diferentes procedimentos ao se realizar a análise dos dados. Portanto, não existe uma regra, uma série de etapas a se seguir, mas, alguns apontamentos de como se pode proceder em análises de uma pesquisa que utiliza a História Oral.

Os pesquisadores em História Oral defendem que não cabe ao pesquisador “julgar as narrativas orais, já que estas funcionam como legitimações (apoios) para a história contada pelo pesquisador sobre o fenômeno pesquisado” (SILVA; FERNANDES, 2010, p. 6). Diz-se não em um julgamento do que foi dito pelo depoente, mas na exposição das compreensões daquilo que foi possível perceber pelas narrativas e outras fontes em que o pesquisador julgou necessárias à compreensão do cenário que se buscou investigar (GARNICA, 2003; 2010).

Trata-se, portanto, de uma análise que resulta em uma narrativa do pesquisador sobre as considerações feitas acerca do objeto estudado com base no que as entrevistas e os documentos escritos (encontrados durante a investigação) possibilitaram compreender.

Para essa pesquisa os documentos consultados foram o Projeto Político Pedagógico de 1998, dois Pareceres encontrados no site do Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná (CEE-PR), o relatório de Pesquisa da Avaliação Institucional da Fecilcam – PDI 2010-2015, o livro publicado nos quarenta anos da FECILCAM (2012) e dois Livros-Ata com registros de 1985 a 2002 e outro com registros de 1990 a 1995. Cabe ressaltar que, em nossas análises, verificamos que os Livros-Ata consultados não trazem todas as atas de todas as reuniões. Alguns anos aparecem de forma mais completa, porém, de outros anos, encontramos poucas atas de reuniões, por exemplo, um dos livros possuía uma única ata de reunião do ano

de 2002. Assim, destacamos o fato de não termos encontrado registros, em atas de reuniões, sobre a implantação de novos cursos, fato que inclui o curso de matemática, após o ano de 1994.

Portanto, para a construção de uma narrativa contando “uma” história do curso de Matemática da Fecilcam, utilizaremos de duas narrativas: das 2 entrevistas com 4 professores e dos documentos encontrados durante a busca.

Uma história do curso de Matemática da UNESPAR – campus de Campo Mourão

Em 24 de agosto de 1972 cria-se a Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão pela lei municipal nº 26/72, como uma Instituição de Ensino Superior mantida pela Fundação de Ensino Superior de Campo Mourão (Fundescam) resultante de um movimento que se iniciou em agosto de 1967, tendo aprovação pelo Conselho Estadual de Educação pelo Parecer nº 47/69, de 21 de maio de 1969, em segunda tentativa durante o mandato do Prefeito Augustinho Vecchi (FECILCAM, 2010).

A Instituição teve como primeiros cursos: Estudos Sociais, que dava habilitação para História e Geografia; Letras; e Pedagogia – Habilitação em Administração Escolar, todos de Licenciatura curta (sendo convertidos em Geografia, Letras – Português/Inglês e Pedagogia, todos em Licenciatura plena, em 1983), estando em funcionamento em 03 de junho de 1974.

Em 1987, a Faculdade que até então ofertava 6 cursos (sendo eles, Geografia, Letras, Pedagogia, Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas) e cobrava mensalidade dos seus alunos, se constitui em uma entidade Estadual de Ensino Superior.

Nas entrevistas, os professores Marcos e Valdir destacaram a ordem em que se ocorreu a implantação dos cursos e a Estadualização da Instituição, além do fato dos cursos de Matemática em Engenharia de Produção Agroindustrial terem sido implantados após a Estadualização da Faculdade:

Marcos: *A nossa faculdade, ela foi instituída como Faculdade de Ciências e Letras. É importante que se diga que ela era Municipal. Como era mantida pela prefeitura, era cobrado dos alunos. Oitenta e sete veio a gratuidade.*

Valdir: *Na verdade assim, quando a Faculdade era Municipal, ela já tinha alguns cursos. Inclusive não existia Geografia aqui, era Estudos Sociais.*

Marcos: *Eram Estudos Sociais e Letras.*

Valdir: *Isso. Que dava habilitação pra História e pra Geografia, na época. Aí abriu Geografia.*

Marcos: *Então abriu Contabilidade, Economia e Administração. Isso enquanto era ainda Municipal. Depois que passou para Estadual.*

Valdir: *Estadual os primeiros cursos abertos foram Engenharia e Matemática.*

O Chefe do Poder Executivo é autorizado a estabelecer a Faculdade de Ciências e

Letras de Campo Mourão, a FACILCAM, pela lei Estadual nº 8.465 de 15 de janeiro de 1987, praticada, posteriormente, pelo Decreto nº 398 de 27 de abril de 1987 (GÓIS, 2012). Nos anos noventa, a sigla da faculdade passa a ser FECILCAM.

Após a estadualização da Faculdade, ocorre a autarquização da Instituição, em 16 de julho de 1991 (GÓIS, 2012). Então, nos anos 90, novos horizontes foram vislumbrados pela comunidade acadêmica. Notando ser a única Instituição Pública de Ensino Superior no território de 25 municípios, abre-se discussões acerca da necessidade de uma Universidade Pública para a região (FECILCAM, 2010).

Na entrevista da professora Sinclair Pozza Casemiro, percebemos fortemente a presença dessas discussões acerca da gratuidade da universidade e a necessidade da constituição de uma Universidade Regional, que atendesse os interesses e necessidades da comunidade, dos municípios da COMCAM⁶. Esse sentimento se destaca no trecho a seguir:

Sinclair: *Nós tivemos a consciência de que a nossa Faculdade precisava se transformar em Universidade. Isso já estava, assim, amadurecendo, já não cabia mais aquela forma de trabalho que deixava a nossa Faculdade muito limitada. Não podia trabalhar a pesquisa, uma série de coisas. [...] o que nós observamos é que precisaríamos de um projeto muito intenso e muito bem elaborado. De um trabalho realmente ativo que tivesse envolvimento até com a própria comunidade. [...] O nome Universidade Regional era só uma complementação do sentimento que havia e de uma consciência muito clara de que deveria haver uma instituição pública, forte de Ensino Superior, com poder de desenvolver de fato conhecimento científico, a pesquisa regional para o nosso desenvolvimento regional.*

Em nossas análises, foi possível perceber que esse interesse em se formar uma Universidade já é manifesta em 1991. O então diretor Agenor Krul comunica, em reunião, a existência de “uma ideia na Secretaria do Ensino Superior de criar a Universidade Estadual do Paraná – UNIPAR, englobando as faculdades do estado com a mesma composição da USP, onde haveria uma reitoria própria, com possibilidade de remanejamento de cursos” (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 23 de outubro de 1991).

Também foi manifestada a intenção de se implantar novos cursos:

Informou o Diretor que no dia 14 de fevereiro, recebeu das mãos do Ministro de Educação Carlos Chiarelli as Portarias de números 231, 232 e 233 que reconhecem os cursos de Letras, Geografia e Pedagogia, com a situação regulamentada realizaremos pesquisa para a autorização de novos cursos, juntos aos estudantes de 2º grau e comunidade (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 18 de fevereiro de 1991, p.6).

Segundo a análise dos documentos, a discussão da implantação de novos cursos se intensifica em 1993, na gestão do Diretor Marcos Erhardt e da Vice-diretora Sinclair Pozza

⁶ Comunidade dos Municípios da Região de Campo Mourão.

Casemiro. Na entrevista com o professor Marcos, ele destacou tal período:

Marcos: Eu assumi a direção em 94, a primeira coisa que eu tive como ideia, foi abrir o curso de matemática.

A primeira reunião realizada nesse sentido foi convocada no dia 27 de agosto de 1993, com a presença do deputado Ivam Piacentini, com o objetivo de comunicar a ele os interesses da comunidade e serem discutidos os primeiros trabalhos para a implantação de novos cursos (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 08 de setembro de 1993; FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 28 de março de 1994).

Deste modo, no dia 08 de setembro de 1993 foi formada uma comissão a fim de fortalecer e sustentar ao projeto “implantação de novos cursos”, constituída por membros representativos da comunidade local e regional da COMCAM, sendo esses: Rubens Bueno, Prefeito Municipal de Campo Mourão, Dirce Wanderbroock, Chefe do Núcleo Regional de Educação, Veriano José Neri, Presidente da COMCAM, além de representantes da ACICAM⁷, Coamo⁸, ACAMDOZE⁹, DCE¹⁰ (Fecilcam, Ata da reunião realizada no dia 08 de setembro de 1993).

Neste mesmo dia uma professora, do departamento de pedagogia, informou que o curso de Pedagogia, Habilitação em magistério, estava em fase final de seu processo de implantação, com expectativas de ser aprovado ainda para o ano seguinte, em 1994. A professora ressaltou que, além de ser uma conquista, tratava-se também de uma necessidade da região (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 08 de setembro de 1993).

A comissão formada se reuniu em 13 de novembro de 1993 para discutirem e debaterem acerca do projeto de implantação de novos cursos na FECILCAM. E em 25 de janeiro de 1994, uma comissão vai a Maringá¹¹ a fim de discutirem junto à Universidade Estadual de Maringá os procedimentos e possibilidades para a implantação de novos cursos. Desta reunião participaram o diretor Marcos Erhardt, o assessor jurídico doutor Edgad Rubens Rieke, a chefe de gabinete Maria Luisa B. P. A. P. Carneiro, representando a comissão, o reitor da UEM¹² professor Décio Sperandio e o prefeito Municipal de Maringá, senhor Said Ferreira (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 28 de março de 1994).

Nesta reunião, o então prefeito Municipal de Maringá sugeriu a elaboração de um

⁷ Associação Comercial e Industrial de Campo Mourão

⁸ Cooperativa Agropecuária Mourãoense Ltda

⁹ Associação das Câmaras Municipais da Microrregião Doze

¹⁰ Diretório Central dos Estudantes

¹¹ Maringá – Paraná cidade sede da Universidade Estadual de Maringá

¹² Universidade Estadual de Maringá

projeto para instalação de um curso de Medicina Veterinária em Campo Mourão. Esse se justificaria pela característica da região, pelo desenvolvimento da pecuária de corte e leite, necessitando de profissionais relacionados à área. Além de, segundo o Prefeito, abranger uma nova área, permitiria que, futuramente, a transformação da faculdade em uma Universidade (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 28 de março de 1994; FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 18 de julho de 1994).

Na entrevista com a professora Sinclair Pozza, ela destacou esse período de procura de parcerias com as Faculdades e Universidades da região, e justificou:

Sinclair: *Na verdade, a primeira universidade que eu procurei foi em Maringá, a UEM, e, em seguida, a Federal de Curitiba. Por quê? Porque o nosso foco era regional. Então as universidades do Paraná é que deveriam ser nossas parceiras e foram. Mantivemos uma parceria muito boa com a UEM, com a Federal.*

No dia 28 de março de 1994, propostas são levadas a Congregação de cursos, com base em uma pesquisa junto à comunidade acadêmica. Apresentadas pelo professor Agenor Krul, que coordenou os trabalhos de pesquisa, as sugestões de cursos teve como resultado: 1º Agronomia, 2º Veterinária, 3º pedagogia – Magistério, 4º Engenharia de Produção Agro-Indústria¹³, 5º Psicologia. Fazendo uma análise do resultado, o professor Agenor destacou o aspecto social e econômico da comunidade local e regional. Segundo ele, a maioria dos alunos de 2º grau eram trabalhadores, então haveria uma dificuldade em se implantar cursos de tempo integral. Ainda destacou o fato de os cursos de Veterinária e Agro-Indústria terem grande apoio político e interesse de cooperativas local, mas que havia de se considerar, além do fator econômico, o fator social em que se tornava necessária a formação de professores para o 1º e 2º graus (atuais Ensino Fundamental e Médio) devido ao modo como os alunos chegavam na faculdade, destacando o interesse pela nova habilitação no Magistério (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 28 de março de 1994).

A professora Sinclair participou de todo o debate e destacou, em sua entrevista, o fato da escolha pelo curso de Engenharia de Produção Agroindustrial e o que era esperado da implantação desse curso. No depoimento da professora, percebemos que este condizia com as concepções que estavam se desenvolvendo na época, ligada à comunidade local e ao desenvolvimento da região:

¹³ No texto da pesquisa há dois termos para se referir ao novo curso de Engenharia implantado na Faculdade: o termo Agro-Indústria foi usado nos Livros-Ata de reuniões que discutem sobre o assunto implantação de novos cursos e o termo Engenharia de Produção Agroindustrial foi usado em documentos oficiais e nas falas dos professores entrevistados.

Sinclair: Nós detectamos também a necessidade de um curso [...] ligado à agricultura. Um curso que envolvesse a agricultura da região, não no sentido de ciências agronômicas, mas no sentido de transformar os grãos que eram levados pra fora do Estado, pra formarem produtos industrializados. Que houvesse uma diversificação maior, e que isso levasse a própria região a ser um celeiro de indústrias. Então nasceu também a ideia do curso de Engenharia de Produção Agroindustrial.

A votação das propostas de cursos teve como resultado a habilitação em Magistério – Curso de Pedagogia em primeiro lugar, sendo aprovado pela maioria. Os tópicos foram levados novamente para votação as propostas dos cursos de Veterinária e Agroindústria (período integral) tiveram, respectivamente, 2 e 32 votos. Portanto, decidiu-se que as propostas do curso de Pedagogia – Habilitação em Magistério e de Engenharia Agro-Indústria seriam levadas a discussões junto ao Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná, uma vez que segundo o parecer nº 363/85 do Conselho estadual de Educação, que delibera sobre cursos de graduação e novas habilitações, permitia a solicitação de abertura de dois cursos, em que se incluía como tal, o pedido de nova habilitação.

Iniciados os trabalhos junto ao Conselho Estadual de Educação, o então diretor Marcos Erhardt comunica que seriam feitos esforços para que o Conselho Estadual de Educação não viesse a considerar a abertura da habilitação do curso de Pedagogia como um novo curso, uma vez que a habilitação em Administração Escolar não seria mais ofertada. De acordo com o diretor, o Conselho Estadual de Educação não descartou, momentaneamente, a proposta, criando assim a possibilidade do envio de solicitação de outro curso (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 13 de abril de 1994; FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 18 de julho de 1994).

Mediante a nova possibilidade de pedido de abertura de curso, o diretor solicitou à Congregação a permissão para que a Direção, junto à Comissão nomeada, as lideranças políticas da região e Estado e o Secretário de Ensino Superior, discutissem a viabilidade de abertura de novos cursos junto aos órgãos superiores, com intuito de evitar trabalho perdido na aprovação de um curso em que o Estado não aprovaria (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 18 de julho de 1994).

Não aceita a proposta, a Congregação aprova a seguinte tramitação:

Cada professor através de um formulário próprio indicaria 3 cursos que julgue ser prioritário, os três mais votados seriam levados a comissão analisar sob todos os aspectos o que mais atenderia, levando em consideração: necessidade social, vontade política e vocação regional. Após decisão da comissão de implantação de novos cursos a direção deverá voltar a proposta para a Congregação juntamente com os dados e informação que justifiquem a implantação (FECILCAM, Ata da reunião realizada no dia 18 de julho de 1994, p. 58).

Nesse contexto é possível perceber uma preocupação com os aspectos políticos da implantação de novos cursos. Deu-se início a uma busca por cursos que atendessem aos interesses do Estado e as necessidades da região. De acordo com as entrevistas dos professores Marcos e Valdir, as buscas por cursos se situavam entre o apoio político e o atendimento aos interesses da comunidade acadêmica e região:

Marcos: *Porque na época, a filosofia era o seguinte. Abri curso de direito? Entre formar profissionais que o estado precisa, para o Ensino Fundamental e Médio, ou abrir um curso de direito. O Estado não abriria nunca!*

Valdir: *É, e o curso de Engenharia veio mais por conta da Coamo.*

Ainda assim, na entrevista da professora Sinclair, percebemos a expectativa em relação à procura por cursos que, principalmente, atendessem as necessidades e interesses da região:

Sinclair: *Isso levou a que nos juntássemos à comunidade nas carências, nas necessidades, que ela tinha para com o desenvolvimento da região e que o ensino superior, por meio especialmente da pesquisa devia compreender. Nós sentíamos que havia uma distância muito grande entre o que acontecia na educação superior da FECILCAM e o que demandava a nossa região em termos de conhecimento e de desenvolvimento. E aquilo que realmente estava se desenvolvendo de forma muito precária, por conta de muita dependência com instituições de comando na própria educação superior, com setores políticos, governamentais que não davam, é claro, atendimento às necessidades próprias daquela realidade nossa.*

Após o ano de 1994, nos Livros-Ata encontrados e analisados não encontramos mais nenhuma menção ao projeto de abertura de novos cursos, pela falta de atas de algumas reuniões, deste modo, contamos com outros documentos e com os registros orais para dar continuidade a nossa história.

As ideias da proposta de Licenciatura Básica em Matemática haviam sido lançadas em julho de 1992 em reunião convocada pela Câmara de Ensino Superior do Estado do Paraná – CEE/PR juntando representantes de todas as IES que ofereciam o curso de Matemática ou Ciências com Habilitação em Matemática, com a presença do professor Dr. Rodney Carlos Bassanezi, da UNICAMP, como consultor (Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná. Parecer nº 343/96).

Nesta reunião, ficou determinado que cada Instituição de Ensino Superior – IES, com base em sua própria Licenciatura e no projeto de Licenciatura do curso de Matemática recém elaborado da UNICAMP esboçariam uma primeira proposta, que seriam discutidos posteriormente. Então, no segundo semestre de 1993, uma comissão foi eleita para, com base nas discussões e sugestões das IES, fosse elaborada, juntamente com a relatora e o consultor

professor Dr. Rodney Carlos Bassanezi, uma proposta de Licenciatura Básica em Matemática para o Estado do Paraná. Esta foi formada pelos professores Ulysses Sodré - UEL¹⁴, João Cesar Guirado - UEM, Jorge Luis Valgas e Olinda Chamma - UEPG¹⁵, Hélio Hipólito Simiema - UFPR, Carlos Roberto Vianna – UFPR, Osmar Ambrósio de Souza- FAFIG¹⁶ e Sebastião Gazola - UNIOESTE¹⁷ (Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná. Parecer nº 343/96).

A proposta elaborada foi enviada ao consultor Rodney Carlos Bassanezi para análise e sugestões. Assim, no segundo semestre de 1994, uma nova reunião da comissão foi convocada para considerar as sugestões do consultor e elaborar a versão final da proposta (Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná. Parecer nº 343/96).

Na entrevista concedida, o professor Marcos ressalta a influência da presença do professor Rodney Bassanezi para a ideia da implantação do curso de Matemática na FECILCAM:

***Marcos:** Agora, que curso vamos abrir? O Rodney, que veio dar uma palestra sobre o que ele entendia de um curso de Matemática, para formar profissionais que atuariam no Ensino Fundamental e Médio. E as coisas foram caminhando. [...] Desde o início a ideia do curso, sem o Rodney vir fazer uma palestra aqui, não tinha como. Nós não tínhamos rumo.*

Iniciam-se na FECILCAM as discussões acerca da implantação de um curso de Matemática a partir de informações adquiridas do Núcleo Regional de Ensino (NRE) de Campo Mourão sobre a falta de professores qualificados para dar aula de Matemática no município e região (FECILCAM, 1998).

A pesquisa junto ao NRE de Campo Mourão se deu a fim de conhecer a região e atender as necessidades da época e como as aulas de Matemática da rede Básica de Ensino eram ministradas, em grande parte, por profissionais de áreas afins, o interesse da Faculdade pelo curso foi se consolidando. Destacamos os trechos a seguir em que o professor Marcos e da professora Sinclair descrevem este movimento de busca pela justificativa de implantação do curso de matemática:

***Marcos:** Primeiro, por que abrir um curso de Matemática? Tem que ter motivo. E, que curso vamos abrir? Abrir um curso de Matemática com que finalidade? Fizemos uma pesquisa junto ao Núcleo. Que nós tínhamos uma vantagem que a Dirce Wanderbrook, era chefe do Núcleo. Falei, “Dirce, levanta para mim os professores formados em Matemática e Física que atuam no Núcleo de Campo Mourão”. Que é a atual COMCAM. Lá provou que 48% dos professores que lecionavam*

¹⁴ Universidade Estadual de Londrina

¹⁵ Universidade Estadual de Ponta Grossa

¹⁶ Faculdade de Foz do Iguaçu

¹⁷ Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Matemática e Física eram formados em Economia, Contábeis e Administração. [...] Na Faculdade, o Ademir era da Matemática e não era formado em Matemática, era formado em Administração. Nós tínhamos dois engenheiros trabalhando na faculdade! No departamento de matemática, que não eram matemáticos! Engenheiro Civil. Provado que precisa.

Sinclair: *Isso fez com que em primeiro lugar nós fizéssemos, não propriamente uma pesquisa, mas um trabalho investigativo, podemos dizer uma enquete com a comunidade, em parceria com o Núcleo Regional de Educação para compreender os anseios e as necessidades de nossa comunidade regional na área da Educação e do desenvolvimento regional. Eu fiz esse trabalho como coordenadora pedagógica da FECILCAM, eu era vice-diretora do professor Marcos, mas eu atuava na coordenação. [...]Então, nessa enquete, em que procurei o Núcleo Regional de Ensino, que na época era dirigido pela professora Dirce Wanderbrook, fizemos uma pesquisa direcionada aos interesses, primeiramente, de cursos para a FECILCAM para formação de professores. Ela, de antemão, já falou: “Ah Sinclair, nós precisamos de professor de Matemática. Está dando Matemática quem é formado em Química e quem é formado...”, “Ah, os colégios da região... é uma tristeza, não há professor. Até professor de Ciências dá aula de Matemática, porque são áreas afins”. Foi uma enquete que seguiu uma metodologia muito bem fundamentada mesmo, e preocupada em fazer um trabalho não de opinião, mas um trabalho de descoberta, de revelação daquilo que fosse a nossa realidade.*

Foi nesse cenário que se decidiu pela abertura dos cursos de Engenharia de Produção Agroindustrial e Matemática. E no ano de 1996 foram designados a relatora Regina Luzia Corio de Buriasco e o professor Rodney Carlos Bassanezi, pela portaria nº 014, de 14 de agosto de 1996 – CEE, como comissão verificadora, para uma verificação das condições de funcionamento dos cursos na Faculdade. Nos dias 12 e 13 de setembro de 1996, a comissão verificadora apresentou relatório pertinente à abertura do curso de Curso de Licenciatura Plena em Matemática na FECILCAM (FECILCAM, 1998).

Na entrevista com os professores Amauri, Valdir e Marcos, percebemos a presença de pessoas ligadas à UNICAMP e principalmente do professor Dr. Roney Bassanezi, como um apoio para a implantação, elaboração do projeto e do currículo e para a qualificação de professores:

Valdir: *Eu particularmente diria que o apoio maior foi da UNICAMP. Na pessoa do professor Rodney. Foi ele que montou todo o projeto, as grades das disciplinas foram todas oferecidas por ele. É lógico que a gente contribuía, discutia. Formou o corpo docente. Quer dizer... a Instituição que mais contribuiu foi a UNICAMP. Pra início do curso.*

Amauri: *Eu acho também, que você tem que colocar, a relação com a UNICAMP, principalmente com o Rodney Bassanezi, porque se não fosse ele não teria o curso. Porque ele é um nome de referência nacional e internacional.*

Valdir: *E ele com o nome que ele tinha, quando ele colocou o nome dele no projeto. Ninguém discutiu. Porque ele era uma referência, um nome forte.*

Amauri: *Ele dava aula de pós em Modelagem. Deu aula naquela época, eu acho que em oitenta, até oitenta e cinco em todo o Paraná e Brasil. Ele disseminava esses cursos. Ele é um dos precursores da modelagem matemática.*

Valdir: *Ele é considerado o pai da Modelagem Matemática. Que na época tinha ele na Modelagem, Ubiratã D’Ambrósio na Etnomatemática.*

Amauri: *E na modelagem também.*

Marcos: *Para nós veio a calhar, era o que precisávamos.*

A fala dos professores estão carregadas de memórias que demonstram a importância, também, da presença da UNICAMP para a capacitação dos professores, ampliando o corpo docente para o início do curso. Os professores, Valdir e Amauri, enfatizam a realização de uma especialização em Modelagem Matemática ministrada na Faculdade pela Universidade de Campinas:

Valdir: *E, até antes de começar isso o Rodney condicionou a fazer uma especialização. Na área de Modelagem Matemática. Foi vinculada ao curso. Teve professor daquele curso que ficaram e foram nossos colaboradores depois. O caso da Flávia, da Telma.*

Amauri: *É exatamente isso! Dá uma base para os professores que estavam aqui, dá uma ampliada, pega um curso. Pegando mais pessoas aí para trabalhar junto, e isso de fato foi feito. E nós fizemos um curso com a UNICAMP, o pessoal veio aqui, duzentas horas...*

A proposta de Licenciatura em Matemática da UNICAMP apresentada às Instituições de Ensino Superior paranaenses no ano de 1992, trouxe consigo a ideologia de como se pensar a formação de professores. A elaboração do projeto teve como base os princípios defendidos pela UNICAMP, pensado nos moldes da Educação Matemática, como destaca a professora Sinclair:

Sinclair: *Pra que o curso de Matemática tivesse aprovação e pra que ele respondesse ao interesse da nossa instituição, ele foi pensado junto com alguns professores da UNICAMP, como o Sebastiani e o professor pescador-esse era seu apelido, não me lembro seu nome agora, da área da Matemática. Também participaram o professor Arguello da UNICAMP e o professor Adriano da UEM. Então, a grade, ela foi pensada nos moldes da Educação Matemática. Atendendo aquilo que fosse possível ser feito nessa concepção.*

Observamos que, tanto a necessidade da formação de professores de Matemática para a Educação Básica, com intuito de atender a região, quanto os princípios defendidos pela UNICAMP na perspectiva da Educação Matemática, que contribui com a especialização dos professores, teve influência na maneira como os professores concebiam o curso de Licenciatura em Matemática da FECILCAM. Como destacam os professores Amauri e Valdir:

Amauri: *É que eu falava assim da UEM, tem a questão da perspectiva que é mais da Matemática formal. E nós, começamos a trabalhar com a Educação Matemática. Até, na época, tinha o CEM – Centro de Educação Matemática, eu era o coordenador. E eu falava que não, aqui tem que ser da Matemática na perspectiva da Educação Matemática. E o Valdir também já era da Educação.*

Valdir: *Eu sempre fui fiel ao propósito. A ideia da criação do curso aqui foi formar professores de Ensino Fundamental e Médio. Então a Matemática Pura pra mim não servia, já naquela época.*

A autorização do Curso veio pelo Decreto Estadual n.º 3.938, de 15 de janeiro de 1998, com base no Parecer n.º 297/96-CEE/PR, de 04 de dezembro de 1996 (Conselho

Estadual de Educação do Estado do Paraná. Parecer nº 1216/10), durante o mandato do Governador Jaime Lerner e período em que a professora Sinclair e o professor Rubens Luiz Sartori estavam na direção da FECILCAM.

Na entrevista com os professores, identificamos as dificuldades enfrentadas durante a implantação do curso, como, por exemplo, a não autorização da contratação de professores nos primeiros anos. Durante a entrevista, o professor Amauri enfatiza as condições iniciais da implantação do curso:

Amauri: *As condições físicas e humanas eram muito ruins. Não tinha condições nenhuma de implantar nenhum curso com o quadro que tinha. A titulação do corpo docente aqui, não tinha ninguém com título de mestre na época, nem mestrando não tinha, o que tinha mais eram especialistas e muito poucos professores.*

Além da falta de professores efetivos, os professores destacaram em seus relatos o fato de não haver professores em regime de dedicação exclusiva:

Marcos: *Não tinha TIDE¹⁸, só tinha um, porque era o diretor.*

Valdir: *Na verdade assim, nós éramos cinco professores efetivos. Mas a professora Dirce, como ela era chefe do núcleo, tinha uma carga horária muito pequena. Ela sempre foi T-12, T-9. E a Tumoko que também vinha de Terra Boa também era T-12. A Dirce nunca deu aula no curso. A Tumoko deu algumas disciplinas no curso. E o Marcão era TIDE e eu e o Amauri éramos T-40, na época, mas não éramos TIDE. TIDE era só o Marcão, e muito mais em função do cargo que ele tinha ocupado antes. Não tinha muita prática de professor TIDE na época, diferente de hoje que noventa e tantos por cento dos professores são TIDE's.*

Os professores destacam o fato de terem cargas horárias de aula excessivas, e, além da insuficiência de professores, a composição da grade de disciplinas de outros cursos contribuía para essa sobrecarga. Tal fato também dificultava a realização de outras atividades de pesquisa e extensão no Departamento:

Valdir: *Inclusive esses cursos de Ciências Sociais Aplicadas reduziram a carga horária, hoje.*

Marcos: *Hoje, mas na época não!*

Valdir: *Antes tinha Matemática I, Matemática II. A carga horária dos cursos de Ciências Sociais e Aplicada.*

Marcos: *Estatística I, Estatística II, Matemática Financeira com quatro aulas. Isso era tudo nosso. Praticamente 30% do curso de Engenharia são do nosso departamento e o nosso curso inteiro!*

Valdir: *É. E a gente sempre tocava aí na faixa sete, oito professores. Com todo respeito, a gente só dava aula. Não fazia nada. Esse negócio de PDE, Iniciação Científica...*

Amauri: *Não, não tinha.*

Além das condições iniciais da implantação do curso, e a carga horária que os professores tinham que enfrentar, eles também relatam a respeito do perfil dos alunos da

¹⁸ Regime de Tempo Integral e Dedicação Exclusiva - TIDE

primeira turma do curso de Matemática da FECILCAM. Segundo os professores, a turma de 1998, em comparação com as turmas seguintes, enfrentou uma concorrência maior no vestibular e era composta por alguns alunos portadores de diploma de Ensino Superior. As falas a seguir destacam tais aspectos:

Amauri: *Eu quero destacar uma fala que eu disse. Que a primeira turma foi bem formada e tal, não quer dizer que as outras quinze não estão. Eu acho que estão saindo melhor formadas. É assim, é pelas condições. A concorrência foi muito maior.*

Valdir: *Muitos portadores de curso superior.*

Marcos: *O cara formado em Economia, Administração, Contábeis, ia fazer Matemática. Por isso facilitou para nós... até, apesar de nossa dificuldade, começar o curso, nós pegamos um pessoal um pouquinho qualificado, vamos dizer assim. Eu digo assim, porque os que já tiveram um curso superior, já viram alguma coisa.*

Amauri: *É diferente.*

Com a criação dos novos cursos, Matemática e Engenharia de Produção Agroindustrial, a Faculdade proporcionou vários debates para discutir a transformação da Faculdade em Universidade, entre 1998 e 1999. Passou a se comprometer, também, com a capacitação dos professores, por meio de parcerias com a Universidade Estadual de Maringá (Grupo NUPÉLIA), com a UNESP – Campus Araraquara e com a Universidade Federal do Paraná que resultou em um convenio que também capacitou professores do Departamento de Matemática – Métodos Matemáticos e computacionais aplicados à Engenharia, em 2002 (FECILCAM, 2010).

A história que contamos da criação do curso de Matemática da FECILCAM, nos mostra o vínculo entre a abertura de novos cursos e a luta pela criação da Universidade, um sonho de uma comunidade.

Na atualidade, a então FECILCAM é um dos campi da UNESPAR, uma universidade multicampi e que seus campi se encontram espalhados pelo território paranaense. A Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) foi criada pela Lei nº 13.283, de 25 de outubro de 2001, alterada pela Lei Estadual nº 15.500, de 28 de setembro de 2006 e pelo Decreto nº 8.593, de 20 de Outubro de 2010, publicado no Diário Oficial do Estado do Paraná (DOE-PR de 10/11/2010 nº 8.340, p. 4). A UNESPAR possui sede na cidade de Paranavaí, e as Instituições Estaduais de Ensino Superior que a integram, formando, cada uma, campus próprio, com sua organização na forma multicampi, descentralizada geograficamente e mantida por recursos orçamentários do Estado do Paraná. É formada pelos campi: UNESPAR, campus de União da Vitória – localizado em União da Vitória, sul do Estado; UNESPAR, campus de Paranavaí– localizado em Paranavaí, na região Noroeste do Paraná; UNESPAR, campus de Paranaguá – localizado em Paranaguá, Litoral do Paraná. UNESPAR;

campus de Curitiba II – localizado em Curitiba e Região Metropolitana de Curitiba, sul do Paraná; UNESPAR, campus de Curitiba I – também localizado em Curitiba; UNESPAR, campus de Apucarana – localizado no município de Apucarana e UNESPAR, campus de Campo Mourão – localizado no município de Campo Mourão.

Considerações Finais

Tivemos por objetivo nesta pesquisa contar uma história da criação do curso de Matemática da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR, campus de Campo Mourão, por meio de fontes documentais e orais, que foram organizadas segundo os princípios da metodologia História Oral e, portanto, se constituem em fontes para o presente trabalho.

Ao estudar o movimento de criação do curso de Matemática da FECILCAM, percebemos ser impossível desvincular a história da criação do curso de Matemática na FECILCAM de um momento específico da história da Faculdade de Ciências de Letras de Campo Mourão – FECILCAM. A história da constituição da FECILCAM como um dos campi de uma Universidade Estadual.

Após a Estadualização da instituição, tornaram-se frequentes discussões acerca da constituição de uma Universidade Regional, pública e que atendesse os interesses e necessidades, visto que era a única Instituição Pública de Ensino Superior no território de 25 municípios da COMCAM. Esse fato desencadeou a necessidade e o desejo de ampliação, de busca pelo novo e de olhar para as necessidades e desenvolvimento da comunidade local.

O movimento de busca por novos cursos que atendessem aos interesses do contexto, segundo nossas análises, foram ampliados durante a gestão do Diretor Marcos Erhardt e da Vice-direção Sinclair Pozza Casemiro, em 1993.

A primeira proposta de uma Licenciatura Básica em Matemática foi identificada no ano de 1992 em reunião convocada pela Câmara de Ensino Superior do Estado do Paraná – CEE/PR com a presença do professor Dr. Rodney Carlos Bassanezi, da UNICAMP, como consultor. Essa resultou em uma proposta de Licenciatura em Matemática para o Estado do Paraná com base nas Licenciaturas de Instituições de Ensino Superior – IES e na Licenciatura implantada na UNICAMP.

A motivação da implantação do curso na FECILCAM foi por meio de informações advindas do Núcleo Regional de Ensino, que apontou que as aulas de Matemática da rede Básica de Ensino da região eram ministradas, em grande parte, por profissionais que não eram formados em matemática.

Os entrevistados destacam a presença de professores da UNICAMP em contribuições para a implantação e formação do corpo docente, ofertando uma especialização em Modelagem Matemática.

Constatamos que, tanto a presença da UNICAMP, que trouxe um currículo e uma proposta de formação de professores, quanto a ocasião em que a implantação do curso, dada a necessidade de formar profissionais da área, influenciaram no modo como o corpo docente adotaram as perspectivas da Educação Matemática, formando um curso para formação de professores de Matemática.

A autorização do Curso veio pelo decreto Decreto Estadual n.º 3.938, de 15 de janeiro de 1998. Após a implantação os professores se deparam com a falta de professores no departamento, com poucos professores efetivos e a não autorização para abrir concurso. Ainda destacamos o fato de não haver professores em regime de dedicação exclusiva – exceto o professor Marcos, que havia sido diretor, e as cargas horárias de aula excessivas.

As entrevistas nos possibilitaram compreender o contexto e as condições iniciais do curso, assim como o perfil dos alunos da primeira turma. Pois, segundo Garnica (2011, p.8), “Fontes orais nos contam não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”. Portanto, essas narrativas foram importantes para compreensão do cenário, das expectativas e objetivo do curso de Matemática na FECILCAM.

Deste modo, esta pesquisa se constitui em uma das diferentes formas de se contar uma História da criação do curso de Matemática da UNESPAR, campus de Campo Mourão. Abrindo a novas questões sobre o curso de Matemática, para outras pesquisas, por exemplo, a investigação da composição da primeira grade curricular; o quanto ela se aproxima da grade do curso ofertado pela UNICAMP na época; quais as diferenças e o que influenciou a mudanças; como ela veio se modificando ao longo do tempo; e o corpo docente, quanto às mudanças ocorridas e necessárias com o passar dos anos.

Referências

BARALDI, Ivete Maria. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção.** 2003. 240 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

BORTOLI, Adriana de. **História da criação do curso de Matemática da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.** 2003. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná. Parecer nº 1216/10.

Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná. Parecer nº 343/96.

FACULDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CAMPO MOURÃO (FECILCAM). Direção. **Ata da reunião realizada no dia 18 de fevereiro de 1991**. Livro ?, p. 6.

FACULDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CAMPO MOURÃO (FECILCAM). Direção. **Ata da reunião realizada no dia 23 de outubro de 1991**. Livro ?, p. 18.

FACULDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CAMPO MOURÃO (FECILCAM). Direção. **Ata da reunião realizada no dia 8 de setembro de 1993**. Livro ?, p. 56.

FACULDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CAMPO MOURÃO (FECILCAM). Direção. **Ata da reunião realizada no dia 28 de março de 1994**. Livro ?, p. 56.

FACULDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CAMPO MOURÃO (FECILCAM). Direção. **Ata da reunião realizada no dia 13 de abril de 1994**. Livro ?, p. 57.

FACULDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CAMPO MOURÃO (FECILCAM). Direção. **Ata da reunião realizada no dia 18 de julho de 1994**. Livro ?, p. 58.

FACULDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CAMPO MOURÃO (FECILCAM). Projeto Político Pedagógico do Departamento de Matemática. Campo Mourão, 1998.

FACULDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS E LETRA DE CAMPO MOURÃO (FECILCAM). Relatório de Pesquisa da Avaliação Institucional da Fecilcam, desenvolvida pela Comissão Permanente de Avaliação (PDI 2010-2015). Campo Mourão, 2010, p. 8-14.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. **Zetetiké**, Campinas, v. 11, n. 19, p. 9-56, jan./jun. 2003.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 20-35, jul./dez. 2010.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. História Oral e Educação Matemática: considerações sobre um método. In: I CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 2011, Portugal. **Anais...** Portugal, 2011, p.1-12.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti; SOUZA, Luzia Aparecida de. **Elementos de História da Educação Matemática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GÓIS, Gilson Mendes de. Fecilcam: 40 anos de um sonho e construção, In: MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira (Orgs.). **Fecilcam: 40 anos, passados. Presente.** Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2012. p. 79-95.

MARTINS-SALANDIM, Maria Edneia. **A interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo:** Um exame da década de 1960. 2012. 374 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

SELAU, Mauricio da Silva. História Oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais. **Esboços**, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. 217-228, 2004.

SILVA, Heloisa da; FERNANDES, Dae Nunes. História Oral e Educação Matemática: aspectos metodológicos e possibilidades. In: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2010, Rio Claro. **Anais.** Rio Claro: UNESP, 2010.

ZICCARDI, Lydia Rossana Nocchi. **O curso de Matemática da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo:** Uma história de sua construção/desenvolvimento/legitimação. 2009. 408 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

Recebido em: 12 de outubro de 2020
Aprovado em: 19 de novembro de 2020